

ATRA-HASIS E NOÉ

[dois heróis

e

um dilúvio]

APRESENTAÇÃO

Recentemente, reencontrei este texto no meio de documentos antigos. Trata-se de um pequeno trabalho acadêmico realizado provavelmente em 1972 para a disciplina teológica “Antigo Testamento” que era ministrada pelo professor Dr. Emanuel Bouzon.

Foi, como costuma acontecer, um trabalho em grupo, sendo co-autores Emanuel Ubirajara, José Roberto Rodrigues Devellard e eu.

Tendo em vista a raridade de informações para um possível público interessado nesse tipo de temática, pareceu-me conveniente torná-lo disponível através deste sítio. Espero assim prestar um serviço a todos os que ouvirem falar sobre Atra-hasis e o dilúvio, mas não tiveram oportunidade de acesso a maiores esclarecimentos.

O texto do poema épico de *Atra-hasis* a que tivemos acesso era de uma obra em inglês cujas referências, infelizmente, não encontrei para citar. Tratava-se de um estudo sobre esse mito, em que o autor apresentava em inglês a tradução do épico a partir das tábuas em que o encontrara, combinado com outras fontes que também relatavam o mito. O poema encontrado (com muitas lacunas e trechos ilegíveis) estava registrado em três tábuas, com oito colunas cada.

Esse épico acádico parece teria surgido por volta do século XVIII a.C. e, se não me engano, a cópia a que o autor teve acesso seria uma versão em tabuinhas (tábuas de argila) que teria sido redigida no século XVII a.C.

Embora o último verso do poema diga apenas que contou o dilúvio, na verdade ele trata da criação do homem (como se resume a seguir) e muitos versos falam do processo de gestação, incluindo rituais que devem ter sido usados pelas mulheres durante os meses de gravidez.

Nesta edição do trabalho da equipe, fiz apenas algumas adaptações redacionais e ajuste para a ortografia atual, mas não modifiquei o texto original, embora muitas coisas escritas àquela época não seriam formuladas do mesmo jeito atualmente. Mantenho-me, pois, fiel à redação original em respeito à parceria que o redigiu. Adotei os seguintes procedimentos:

1. O que estiver no corpo do texto entre colchetes, é acréscimo explicativo que achei conveniente acrescentar (não confundir com os colchetes nos versos do poema).
2. Tomei a liberdade de realizar as citações dos versos de forma mais completa do que no trabalho original para dar melhor visão ao leitor do poema (o que não era necessário naquela época). Acrescentei, também, as localizações dos versos citados (que era um defeito do texto original).
3. As citações bíblicas são extraídas da tradução da Bíblia de Jerusalém: Ed. Paulus,

Nova edição, revista, 3ª impressão de setembro de 1994.

4. Para realçar bem, cito o poema em itálico e entre aspas, mesmo quando em destaque por tratar-se de mais de três versos.
5. Os nomes próprios, quando apresentados pela primeira vez, estão em itálico.
6. As notas de rodapé são todas de minha responsabilidade, não havendo notas na redação original.

INTRODUÇÃO

O mito de Atra-hasis [pronuncia-se o **h** aspirado, como **rr**] é especialmente importante por revelar em si todo um conjunto de crenças de seu tempo e, também, por estar pleno de manifestações do *modus vivendi* da época, tanto pela mundivisão que apresenta quanto por princípio que dá, aqui e ali, sobre a organização social.

É preciso ter bem claro o objetivo do épico. Certamente, não é um relato de ordem cúltica ou ritual. Pelo que se pode deduzir de sua conclusão, tem por finalidade contar, apenas, uma estória, a do dilúvio: “*Eu contei o dilúvio para todos os povos. Ouvindo!*” (3ª tábua, coluna 8).

Sua transmissão ao público era cantada. Alguns homens, provavelmente iletrados, utilizaram a trama, que era de conhecimento popular, dando-lhe uma forma cantável e assim apresentavam esse poema. Não se sabe, ao certo, se com o simples fim de distrair ou com o objetivo de instruir. Poder-se-ia compará-los aos cantadores nordestinos, espécie que o progresso vem extinguindo.¹

Não nos deteremos aqui em analisar o processo cosmogônico que o mito pressupõe. Vejamos apenas a sua concepção do universo já estruturado.

Há duas classes de divindades: os *Anunaki* – as sete divindades maiores – e o *Igigi* – as divindades menores que trabalhavam para os *Anunaki*. Há três *Anunaki* mais importantes: *Anu*, *Enki* e *Enlil*.

Anu, “pai de todos os deuses”, tem o domínio do céu. Na convenção dos deuses, exerce uma função moderadora e sua figura é a de maior respeito. Enlil possui o controle da terra, exercendo o papel de um personagem turbulento: é o deus guerreiro. Enki controla a região inferior, o *Apsû*, age ponderadamente, sendo protetor da espécie humana, que é obra sua.

¹ Escrito há mais de trinta anos, parecia próxima a extinção dos cantadores, o que, felizmente, não ocorreu até o presente, apesar de o risco persistir.

1 – O ATRA-HASIS

“Quando os deuses trabalhavam como homens” (Tábua 1, coluna 1, verso 1), os Igigi, vencidos pela fadiga, revoltaram-se contra os Grandes Deuses e negaram-se a continuar trabalhando. Cansados de escavar rios e canais, que deviam regar a terra e garantir a subsistência de todos os deuses, os Igigi queimaram significativamente suas ferramentas e cercaram a casa de Enlil, a quem coubera o controle da terra quando da repartição do Universo.

Despertado durante a noite, Enlil convoca imediatamente Enki e Anu para uma reunião. Na assembléia dos Três Maiores, Enlil exige que se escolham alguns deuses para que sejam castigados na presença dos demais como exemplo para todos aqueles que ousaram subverter a ordem instituída. Anu, porém, pai de todos os deuses, atuando sempre como princípio moderador, dirige a palavra a seus irmãos:

*“De que estamos nós a acusá-los?
O trabalho deles era pesado, sua aflição muita!
[Todos os dias] [...] [o lamento era] grande, podíamos [ouvir] o barulho...”*
(Tábua 1, coluna 4, verso 176-179).²

Posta a questão nesses termos, criou-se um impasse para os Grandes Anunaki: por um lado reconhecia-se a legitimidade da reivindicação dos Igigi, por outro, e esse era o problema, havia necessidade de que alguém que trabalhasse para assegurar o sustento dos deuses. É, então, que a sugestão de Enki, o rei do Apsû, ganha a força de um achado, desfazendo o dilema: substituir os deuses por homens.

A idéia é bem recebida, sobretudo pelos Igigi. Daí em diante a discussão se volta para como e quem deveria criar o homem. Enki, ainda com a palavra, aconselha que a tarefa seja entregue à deusa *Nintu*, mais tarde chamada de *Belet-ili*: Senhora dos Deuses. Esta devolve a responsabilidade a Enki, pois é ele que possui a matéria prima para a criação do homem: o barro.

Finalmente, fica estabelecido que os dois, em conjunto, serão responsáveis pela criação do ser humano.

Inicia-se, então, a obra. O barro é amassado e misturado com a carne e o sangue de um deus imolado, *Wê-ila*. Assim proclama Nintu:

*“Para que possamos ouvir o ruído para o resto do tempo,
haja o espírito da carne do deus.
Deixe-o proclamar [o homem vivo] com seu sinal.
Para que isto não seja esquecido, haja um espírito.”*
(Tábua 1, coluna 4, versos 214-217)

Essa mistura de barro com sangue e carne divinos permanecem na “Casa do Destino” durante todo o período de gestação. Quatorze deusas de nascimento auxiliam Nintu e, em determinado momento, dividem aquela massa em quatorze pedaços que Nintu molda em sete fêmeas e sete machos.

No poema, o trecho que trata desse processo de criação é de difícil

² As palavras entre colchetes são deduções que o tradutor realiza a partir de comparações ou da estrutura mesma do verso. Os pontinhos entre colchetes indicam que há textos não legíveis nem dedutíveis naquele espaço.

entendimento. Sabe-se, contudo, que está impregnado dos costumes da época quanto à gestação e ao nascimento.

Por fim o “*ventre*” se abre e começa a história da humanidade.

O homem assume o lugar dos deuses no cultivo e organização da terra,

*“com picaretas e pás, construíram os santuários,
construíram as margens dos grandes canais,
para a alimentação das pessoas e para o sustento dos [deuses]”.*

(Tábua 1, coluna 7, versos 337-339).

Entretanto, a espécie cresceu:

*“Mil e duzentos anos [ainda não tinham passado]
[Quanto a terra se expandiu] e as pessoas se multiplicaram,
a [terra] estava bramindo [como um búfalo].
O deus perturbou-se com [o tumulto].*

(Tábua 1, coluna 7, versos 352-355).

Enlil já não conseguia dormir devido à algazarra dos homens e decide diminuir o número da raça humana. Encarrega *Nantara*, o deus da praga, de realizar essa tarefa.

Neste momento, é que surge *Atra-hasis*, protegido do deus *Enki*. *Atra-hasis* dirige-se ao seu deus pedindo conselho e ajuda. *Enki* indica-lhe como deve agir, fazendo com que todo o povo invoque e cultue *Nantara*, fazendo-lhe oferendas. Dito e feito, o homem se salva, graças à complacência de *Nantara*.

Com a recuperação da espécie humana, a barulheira volta a atrapalhar o descanso de *Enlil* que ordena a extinção através da retenção das águas, impossibilitando a vida vegetal, retirando, assim, o meio de sustento da humanidade. Novamente, *Atra-hasis* consegue a salvação oferecendo, a conselho de *Enki*, um bolo e dedicando um templo a *Adad*, deus da chuva.

A humanidade, mais uma vez salva, prossegue em sua labuta e luta. Até que *Enlil* descobre que foi ludibriado. Desta feita, não ordena uma nova praga mas a intensificação da anterior. E

*“Em baixo, a inundação não [cresceu] do abismo,
o seio da terra não produziu,
a vegetação não brotou [...],
não se viam pessoas [...].
Os campos escuros tornaram-se brancos,
a larga planície estava coberta de sal.
Por um ano eles comeram grama.
Durante o segundo, eles sofreram de sarna.
O terceiro ano veio
[e] suas feições [estavam alteradas] pela fome,
suas faces estavam encrostadas como malte
[e eles viviam] à beira da morte.
[Suas] faces pareciam verdes,
eles andavam arqueando [na estrada].
Seus largos ombros [tornaram-se estreitos].*

Suas pernas longas [tornaram-se curtas]’.

(Tábua 2, coluna 4)

Enki [o deus defensor da humanidade] tem a idéia de liberar alguns “*monstros*” de Apsû que, de alguma forma, conseguiram satisfazer a fome dos homens e salvar a humanidade da catástrofe.

Enlil, furioso quando se vê mais uma vez enganado, reúne os deuses em conselho de guerra e exige que todos se comprometam “*por juramento*” a levar a cabo a destruição total da espécie humana. Enlil reverbera ardentemente a Enki e exige deste um compromisso perante os outros deuses. Apesar de todas as tentativas, Enki não consegue furtar-se a empenhar sua palavra. O homem está agora condenado à destruição que será realizada através do dilúvio.

Mas sua simpatia para com os seres humanos, em geral, e Atra-hasis em particular, faz com que encontre um meio de avisar a seu protegido sem faltar com o juramento. Envia um vento que, soprando entre as frestas das paredes de junco da casa de Atra-hasis, transmite o recado e as recomendações divinas para a construção de um barco.

O prazo do dilúvio é estipulado com antecedência: Atra-hasis tinha sete dias para destruir sua casa, construindo dela um barco e ocupá-lo com sua família e animais.

*“[...] o dilúvio [começou],
a sua força caiu sobre as pessoas [como uma ordem de batalha].
Uma pessoa não podia ver a outra.
Eles [não] eram reconhecíveis na destruição.
[O dilúvio] mugia como um búfalo;
[como] um burro selvagem relinchando, os ventos [uivaram]’.*

(Tábua 3, coluna 3).

Enquanto as águas caíam sobre a terra e o pequeno barco de Atra-hasis pendia levemente entre as águas do céu e as águas do abismo, os deuses percebem as desvantagens de exterminar a humanidade: faltará quem realize a importantíssima tarefa de cavar rios e canais, quem cultive a terra e que lhes preste culto e dedique oferendas.

Sete dias e sete noites passados, o dilúvio termina. Logo que Atra-hasis consegue aportar e descer à terra, realiza uma oferenda aos deuses.

Os Grandes Deuses estabelecem, afinal, entre si o pacto de não mais destruir a humanidade, cabendo a Nintu, a deusa mãe, e a Enki, príncipe de Apsû, organizar os homens para que o trabalho organizado fosse menos barulhento a fim de não perturbar o sono do [mal-humorado] guerreiro Enlil.

2 – RELAÇÃO ENTRE O RELATO BÍBLICO E O VÉTERO-BABILÔNICO

O esquema geral das narrações é o mesmo: criação do homem, comportamento humano antes do dilúvio (o que inclui sua causa), o dilúvio e a salvação da espécie com a certeza de não mais ser destruída.

De algum modo, a história dos homens é desenhada nos dois relatos até que se chegue ao “escolhido”. Em ambos, há um homem determinado com a missão de salvar a humanidade. Esse homem é justo e tem a simpatia de seu deus, o que o torna isento do castigo comum. Recebe a instrução divina sobre como construir a arca. Em Gn 6,14ss (pertencente à fonte sacerdotal), ela será de madeira, dividida em três andares e com pequenos quartos. Deverá possuir trezentos côvados de comprimento, cinquenta côvados de largura e trinta de altura [135m x 22,50m x 13,50m]. Em Atra-hasis as dimensões do barco são mais modestas: o herói deve destruir a própria casa de junco e fazer o barco cuidando para calafetá-lo bem. Este possui o prazo de sete dias para construir e instalar-se na embarcação, ao passo que Noé, somente após a construção da arca recebe a ordem de entrar nela e se preparar para o dilúvio que virá dentro de sete dias.

Em Atra-hasis, o dilúvio dura sete dias e sete noites. Segundo Gn 7,4, sua duração será de quarenta dias e quarenta noites.

Vários outros pormenores comuns são encontrados. Aqui queremos chamar a atenção para um bastante interessante.

Na mentalidade semita da época em que o mito foi elaborado, o universo era dividido em três partes: o reino superior, o reino da terra e o reino inferior (ou Apsû). Havia as águas do céu e as águas do abismo. Essa crença transparece de modo claro nos dois relatos.

Gn 7,11: “romperam-se todas as fontes do grande abismo e abriram-se as cataratas do céu” (fonte sacerdotal).

Tábua 2, coluna 4: “... a inundação não cresceu do abismo.”

Tábua 2, coluna 1: “Adad deve reter sua chuva e embaixo do abismo não virá inundação.”

Outra semelhança que se deve registrar é a de que, em ambos, parece haver a concepção de que os homens antediluvianos tivessem uma dieta vegetariana.

Quanto ao episódio do envio de pássaros por parte de Noé, no mito de Atra-hasis, o trecho em que estaria localizado foi completamente perdido, nada podendo ser dito a respeito. Contudo, recorde-se que, em outros mitos paralelos, essa cena também é registrada.

3 – UM PRINCÍPIO

É evidente que essa relativa proximidade – assim como as diferenças que unem e separam os dois relatos – não se explica por si só, isto é, não possui em si a razão de si mesma. Ora, se a forma só existe enquanto forma de alguma coisa, ou seja, não existe forma sem conteúdo, podemos válida e logicamente concluir que a diferença de forma indica uma diferença de conteúdo.

Mas este princípio vale na medida em que se leve em consideração a correlação proporcional dos fatores significativos.

Assim baseados, por um lado, na constatação pura e simples de diferenças e semelhanças entre o mito babilônico e a estória bíblica, e, por outro lado, orientados por um princípio geral, passaremos a apresentar o aspecto interno de cada um dos relatos, o cosmorama e a mensagem de que as estórias não são mais que o invólucro.

4 – CONCEPÇÃO ANTROPO-TEOLÓGICA DE ATRA-HASIS

O que salta aos olhos, mesmo de um leigo, é a crença politeísta que emana de Atra-hasis. E será entre os deuses que a trama de toda a estória vai se desenrolar. Igualmente em alto relevo, percebemos, como algo que é inerente a todo politeísmo, a antropomorfização da divindade em grau excessivo, fazendo com que os deuses sintam tanta fome e sede quanto os homens, precisando trabalhar para o próprio sustento, além de muitos outros exemplos claros.

Quanto ao processo da criação, os deuses coexistem no universo dividido em três esferas, sob o controle das três divindades mais importantes. Não há no mito o relato da criação universal mas, apenas, uma referência quando fala sobre os círculos de influência de cada deus. Sabemos que a origem do mundo (segundo a mentalidade da época) se dá por um processo interno de geração cósmica em que as divindades se confundem com os elementos cósmicos primordiais. Dessa forma, a origem do universo é a origem mesma dos deuses.

Quanto à criação do homem, devemos encarar os aspectos de finalidade e o ato criador propriamente dito.

O homem, no mito, aparece como a terceira possibilidade dentro de um problema. O homem – “Lullû” – seria a solução para o problema levantado pelos Igigi. Os deuses decidem a criação homem, premidos pelas circunstâncias, sendo o ser humano a alternativa mais viável. Ele tem uma finalidade pré-determinada: deve trabalhar em lugar dos deuses e para eles. Dirigindo-se a Nintu, a deusa mãe, pedem:

*“Tu és a deusa do nascimento, criadora da espécie humana,
cria Lullû para que possa suportar o jugo,
faze-o suportar o jugo designado por Enlil,
deixe o homem carregar a fadiga dos deuses”.*

(Tábua 1, coluna 4, versos 194-197)

A finalidade única do homem – fim de origem – será trabalhar cultivando e irrigando a terra por meio de canais, a fim de que o sustento dos deuses esteja assegurado.

No ato da criação do homem, dois elementos de espécie diversa são usados: o

barro ao qual se adiciona o sangue e a carne de *Wê-illa* [um dos Igigi rebeldes, que foi sacrificado]³. O barro indica a constituição material do ser humano: o homem é matéria e, como tal, está sujeito às leis da matéria. Sangue, na concepção de qualquer semita, é o princípio da vida. Dizer, portanto, que o sangue e o barro foram misturados é dizer que o homem é matéria viva. Compreender o significado do barro enquanto representante da matéria ou o sangue como sinal próprio da vida (recorde-se, a propósito, a proibição bíblica de comer animal sufocado: devia-se deixar escorrer todo o sangue, pois este era vida e a vida é um dom divino e atributo exclusivo da divindade) não parece oferecer muita dificuldade. Contudo, no épico, a carne de *Wê-illa* entra também na composição humana. A referência à carne divina seria apenas um estilo reforçador da mesma idéia que sugere sangue? Penso que sim e que não. Sim, porque ela dá um novo vigor à idéia de vida, enquanto fusão das idéias de carne e sangue de um deus imolado adquire um dinamismo inesperadamente forte dentro do contexto do mito. E não, no sentido de não apenas isso. Parece-me que a carne do deus imolado tem um sentido que supera o do sangue. A carne indicaria que, no homem, há algo não se sabe explicar que o coloca em um plano diferente de todos os demais vivos. Seria uma espécie de “*ruído*” ou “*o rufar do tambor*”.⁴

5 – CONCEPÇÃO BÍBLICA

Orgulho e vínculo nacional, o monoteísmo expresso nas páginas que narram a origem do homem e do Universo não é mais do que a fixação literária de um momento de fé do povo de Israel. É um momento que ainda não atingiu a clareza da proclamação convicta: “só Javé é Deus”. Javé, certamente, o único Deus. E, ao lado desta crença monoteísta, todo o antropomorfismo tende a desaparecer. Mas, no monoteísmo desses primeiros capítulos, que é o início do delineamento do monoteísmo posterior do povo, encontramos ainda vários resquícios de antropomorfização. Assim é que Deus passeia pelo paraíso, encoleriza-se, arrepende-se de sua obra e outros exemplos.

Tudo o que existe é criado por Deus e depende dele. “No dia em que o Senhor Deus fez o céu e a terra ...” (Gn 2,4b). Todas as coisas e forças dependiam do Senhor, o sol e a chuva, as águas de cima e as águas de baixo, o céu e a terra, os animais e o homem.

Deus cria o homem. Fá-lo de barro sobre o qual expira seu sopro. O barro indica que o homem é matéria, corpo, adição de moléculas. O sopro é o símbolo da vida e a própria vida. O *ruah* divino transformou o barro em alma vivente.

Depois de criado, o homem é posto no paraíso de delícias “para que a cultivasse e guardasse” (Gn 2,15). Isso, em outros termos, significa que o ser humano é o vértice da criação, ele está acima de todos os outros e é, ao mesmo tempo, responsável por eles: “cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse” (Gn 2,19).

O homem como ápice e centro de todo o universo deve estar apto a arcar com a responsabilidade inerente a sua própria natureza. Uma exigência é feita ao homem da parte de Deus: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás...” – a seguir, a razão (ou penalidade?) da

3 O professor, neste ponto, apresentou a seguinte observação: Isto já introduz uma premissa própria na solução do problema do mal! (sem dúvida, muito pertinente, mas que não abordamos no trabalho).

4 Essa interpretação, que não foi desenvolvida, embora sua imagem fosse muito forte no mito, pode produzir uma reflexão muito interessante sobre a compreensão da natureza humana na cabeça daqueles poetas acádicos.

exigência – “... porque no dia em que dela comeres terás que morrer”. (Gn 2,16-17).

O homem, nesse relato rico em elementos semitas, não corresponde à exigência feita. Então, ele é expulso do paraíso por causa do pecado. O trabalho infrutífero e dificultoso será o seu castigo: “porque escutaste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te proibia comer, maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimentos dele te nutrirás todos os dias de tua vida. Ele produzirá para ti espinhos e cardos, e comerás a erva dos campos. Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 2,17-19).

O não cumprimento do compromisso por parte do homem é que estabelece o comportamento divino. Desse momento em diante, o pecado vai em constante crescendo. A espécie humana se multiplica e o pecado cresce com a humanidade: “é que Caim é vingado sete vezes, mas Lamec, setenta e sete vezes” (Gn 4,24).⁵ Com o desenvolver-se do pecado, “lahweh viu que a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo desígnio de seu coração. lahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração” (Gn 6,5-6).

É, então, que Deus decide enviar o dilúvio, como forma de castigo coletivo. Entretanto, um justo, Noé, encontra graça perante o Senhor. E este, por sua justiça, será poupado da pena geral.

Verifica-se que, diferentemente do mito do Atra-hasis, não há uma atitude arbitrária e voluntariosa no comportamento divino ao decretar o dilúvio. O efeito é proporcional à causa, diversamente do que se dá no relato babilônico.

Após o dilúvio, Deus se compromete a não mais exterminar a humanidade “porque os desígnios do coração do homem são maus desde a sua infância” (Gn 8,21).

E segundo a fonte sacerdotal⁶, Deus estabelece uma aliança com o homem. Por ela, Deus se compromete a não mais destruir a raça humana, e como sinal de sua palavra dá o arco-íris. É esse sentido de aliança e de relação homem-Deus num plano mais moral e elevado que constitui a profunda e essencial diferença entre o relato bíblico e o babilônico.

CONCLUSÃO

Podemos agora concluir, pelo que sabemos das duas estórias, que nem as diferenças são casuais, nem as semelhanças são mera coincidência.

Há entre o épico de Atra-hasis e a construção bíblica um fato geral comum, que explica os pontos de contato. Há também outros fatores específicos que determinam os pontos divergentes.

O fator comum consiste no caráter cultural de toda a linhagem semita. É aquilo que pertence a todo semita, a todos os povos na proximidade babilônica. Dessa forma, deve-se ter claro que o relato bíblico não é necessariamente um dependente direto do mito mas, isso sim, ambos dependem de um mesmo contexto cultural, psicológico e social que nos permite falar numa “mentalidade semita”, conglobando neste conceito os dois povos que produziram aquelas letras. E isso se comprova mais ainda quando vemos que

5 Este versículo que, segundo os exegetas, oriundo de um canto ancestral do deserto, inserido no Gênesis, na boca de Lamec, descendente de Caim, quer indicar a aumento da violência no mundo.

6 Chama-se de “fonte sacerdotal” aos textos do Pentateuco que foram redigidos por sacerdotes. Tecnicamente, ela é indicada como fonte P (do alemão „Priesterkodex“). As outras fontes são: eloísta, javista e deuteronomista.

o fator geral, ou caráter cultural, ou ainda essa “mentalidade semita” nos proporcionou outras obras sobre o mesmo tema com idêntica freqüência de elementos semelhantes.

Os fatores específicos fundam-se no princípio de individualização: cada povo particular diferencia-se de outros povos por um certo número de características próprias no modo de pensar, sentir e agir. Por isso, podemos dizer que esta é deste povo da mesma forma que podemos dizer que tal povo pertence a tal raça ou tal indivíduo a tal nação.